

## ENVELHECIMENTO FEMININO E TELEFONES CELULARES: COMPARTILHANDO SUBJETIVIDADES E COLETIVIDADES EM PROCESSOS DE MOBILIDADE

 <https://doi.org/10.56238/arev7n4-046>

Data de submissão: 06/03/2025

Data de publicação: 06/04/2025

**Monica Machado**

Professora Associada da Escola de Comunicação da UFRJ e do Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social  
Doutora em Comunicação e Cultura PPGCOM- ECO- UFRJ  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
[monica.machado@eco.ufrj.br](mailto:monica.machado@eco.ufrj.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-2558-5426>

### RESUMO

Esse artigo analisa mulheres que envelhecem em suas conexões com as tecnologias digitais em contextos de mobilidade urbana. Estuda mulheres de classes populares, com sessenta anos ou mais, que ainda trabalham e viajam na cidade do Rio de Janeiro de metrô e BRT com seus telefones celulares. Dialogando com a antropologia digital e o agenciamento entre humanos e não-humanos o estudo investe em uma aproximação etnográfica para mapear as experiências dessas mulheres no uso dos seus aparelhos celulares, as consequências desses usos e as relações com os contextos socioculturais mais amplos. A pesquisa indica que mulheres que envelhecem navegam por seus telefones celulares durante as viagens de rotinas casa-trabalho com múltiplas conexões: engajando-se em sociabilidades no percurso, com diálogos afetivos com pessoas próximas mas também investindo em processos subjetivos, ativando a memória com jogos online ou seguindo páginas de orientações espirituais ou conexões com musicalidades. Portanto, o tempo de deslocamento com telefones celulares se desenha como multifacetado: plural, desafiador, com riscos mas também com oportunidades criativas.

**Palavras-chave:** Envelhecimento feminino. Telefones celulares. Antropologia digital. Psicossociologia. Mobilidades.

## 1 INTRODUÇÃO

“Eu não sei fazer *download* de aplicativos em meu telefone celular. As pessoas jovens não tem paciência de explicar, então quando eu peço ajuda ao meu neto, ele tira o telefone de minha mão e faz o que ele deveria me ensinar: o passo a passo. Nós nunca tivemos aula para aprender como usar os telefones celulares. Para a minha geração o aprendizado é informal, no ensaio e erro... mas ao mesmo tempo, como estar hoje no mundo sem ficar conectado? Impossível.. Existe muito desejo das pessoas de minha idade de conhecer mais sobre tecnologia para estar no mundo de modo mais integrado. Eu acho que há muita curiosidade de conhecer mais sobre o mundo digital, apesar de nossas dificuldades”. Esse foi um dos primeiros depoimentos que ouvi de uma das participantes de uma oficina que organizei na Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre envelhecimento feminino e literacias digitais no segundo semestre de 2023<sup>1</sup>. Miriam, 67 anos, deixa clara essa ambivalência que evoca sentimentos duplos de inclusão e exclusão do mundo digital.

O artigo examina um experimento etnográfico com mulheres que envelhecem que praticam novos modos de relacionamentos interpessoais e outros modos de vida nos usos sociais da tecnologia em contextos de mobilidade, nas rotinas casa-trabalho-casa, no metro e BRT, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. A pesquisa se baseia no campo da antropologia digital e trabalha com a compreensão dos usos sociais das tecnologias digitais e suas consequências através da observação participante e de colaborações das interlocutoras no compartilhamento de suas experiências *online* e *offline* (MILLER *et al*, 2022; WANG, 2022; MACHADO, MARQUES, 2021).

A emergência de estudos sobre envelhecimentos no mundo e no Brasil tem clara justificativa quando observamos os dados demográficos e suas projeções para os próximos anos. A população mundial está envelhecendo desde de meados da década de 60 do século XX. De acordo com declarações das Nações Unidas, teremos aproximadamente 3.1 bilhões de pessoas idosas até 2100 no mundo. Isso representa 29.8% da população mundial. No Brasil, o número de pessoas com mais de 60 está crescendo e em 2022 pessoas idosas representavam um total de 14,6% da população nacional. Em termos absolutos, de acordo com as projeções das Nações Unidas, teremos 73.3 milhões de pessoas idosas no país em 2100 representando 39.7% da população local. Esses dados revelam a importância do desenvolvimento de políticas públicas e práticas de cuidados para as populações que envelhecem, valorizando suas potências e discutindo processos socioculturais e psicossociais de

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001. E foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro sob o número: 6.567.121. O artigo também é resultante da experiência de trocas com o grupo de pesquisa em *Digital Anthropology* coordenado pelo Prof. Daniel Miller na University College London – onde fui professora visitante Sênior com bolsa Capes Print.

inclusão.

Em termos dos usos de smartphones, o Brasil é o quinto país no mundo com o maior número de usuários ativos de telefones celulares, atrás da Indonésia, Estados Unidos, Índia e China. É interessante observar que existem no país 1.2 smartphones por habitante, somando um total de 258 milhões de aparelhos em uso. Esses dados foram coletados em 2024 na 35ª edição do IT pesquisa de usuários da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em contraste, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) afirma que a população brasileira é de 203 milhões de pessoas.<sup>2</sup> De acordo com dados da PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio), o uso de smartphones entre pessoas idosas cresceu de 73% para 76.1% em 2024.

Nesse sentido, o foco do trabalho é compreender como mulheres, com idades acima de 60 anos, renda familiar até três salários-mínimos, que ainda trabalham, conduzem suas jornadas casa-trabalho- casa, de metrô ou BRT, com os seus aparelhos de celulares. Observamos, portanto, os usos sociais das tecnologias que circulam e como os agenciamentos coletivos de enunciação (Deleuze; Guattari, 1980) são produzidos nas redes sociotécnicas. As questões que guiam o artigo assim se delineiam: como os imaginários sociais permeiam as experiências dessas mulheres com seus smartphones em suas rotinas diárias, no percurso casa-trabalho? Como as relações atores-redes se processam (LATOURET, 2012) nos percursos investigados?

As análises e os pensamentos finais debatem os achados etnográficos evidenciando a tese de como os smartphones podem ser vistos como “*smart from below*” (MILLER *et al*, 2022), discutindo também o conceito de mobilidade (URRY, 2007) e agenciamento (DELEUZE, GUATARRI, 1980) no sentido de analisar a mobilidade em múltiplas perspectivas. Ainda convidamos Latour (2012) e Haraway (2022) para a análise das interfaces de humanos e não humanos nos processos de mulheres que envelhecem com seus smartphones.

## 2 METODOLOGIA

No segundo semestre de 2023 organizei uma oficina de literacia digital na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A prática durou quinze encontros com mulheres com renda familiar até

---

<sup>2</sup> Essa distorção se deve ao fato de que é muito comum no Brasil que a mesma pessoa possua mais de um telefone celular: um para questões profissionais e outra para assuntos pessoais. Dados da IT pesquisa. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/pesquisa-revela-brasil-tem-480-milhoes-dispositivos-digitais-uso-sendo-22-habitante> Acesso em: 24 mar. 2025. Os dados sobre a população nacional são da Agência de Notícias do IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41111-populacao-estimada-do-pais-chega-a-212-6-milhoes-de-habitantes-em-2024>. Acesso em: 10 mar. 2025. E os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por domicílios (PNAD) são da Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-08/uso-de-internet-no-pais-cresce-mais-entre-idosos-mostra-ibge>. Acesso em: 10 mar. 2025

três salários mínimos, com 60 anos ou mais, que ainda trabalham fora de casa. As vivências envolveram compartilhamentos de ideias e aprendizados mútuos sobre envelhecimentos e culturas digitais. Todas as participantes tinham telefones celulares mas traziam queixas de precários conhecimentos sobre aplicativos e plataformas. A abordagem envolveu uma escuta ativa de suas dúvidas, desejos de aprendizados e curiosidades sobre a cultura digital e procurávamos partilhar experiências a partir das demandas evocadas. A oficina recebeu dezoito mulheres de diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro. No decorrer dos encontros garantimos um espaço de múltiplas aprendizagens: nós perguntávamos o que elas desejariam aprender sobre tecnologias e navegávamos juntas pelos diferentes aplicativos e redes sociais em seus smartphones. Era solicitado que nos mostrassem os seus telefones celulares e como os usavam de modo criativo.

Com o avanço dos encontros, o grau de confiança entre nós foi aumentando e durante o primeiro semestre de 2024 eu pude pedir permissão para acompanhá-las em seus trajetos casa-trabalho-casa nos transportes urbanos - metrô e BRT - para observar como usavam seus telefones celulares nas viagens. Com a empatia ampliada entre nós pude compartilhar das jornadas diárias de dez interlocutoras e esse artigo descreve minhas interações com quatro delas: Mirian, Antônia, Rebeca e Sueli. Seus nomes são fictícios para proteção de suas identidades como é tradição nos estudos antropológicos. Nós gastamos, em média, duas horas por dia nas viagens casa-trabalho entre o metrô e o BRT durante três viagens com cada uma delas. Para as quatro interlocutoras aqui apresentadas, o tempo do percurso casa-trabalho-casa é quase que inteiramente dedicado ao compartilhamento de experiências em seus smartphones. Esse é um fenômeno intrigante da cena contemporânea pois envolve dois modos diferentes nas experiências de mobilidade: o tempo do deslocamento casa-trabalho-casa e o tempo compartilhado online de múltiplas sociabilidades.

Na observação participante foi possível acompanhar como elas usavam seus telefones e as anotações no diário de campo contribuíram muito para compreensão sobre os modos como nossas interlocutoras se envolvem com as plataformas digitais, como navegam, o que e porque publicam mensagens nas redes sociais e quais são os seus conteúdos midiáticos preferidos e quando os utilizam. Em seguida, comparamos alguns dos resultados de nossas etnografias locais com o projeto *Anthropology of Smartphone and Smart Ageing*, no Instituto de Antropologia da *University College London*.

Na “A theory of a theory of the smartphone”, Miller (2021) argumenta que a construção teórica deve emergir da etnografia comparativa. Em outras palavras, o autor sugere que a teoria é decorrente dos casos revisitados dado que a análise do fenômeno humano mediado pela tecnologia nas questões específicas com smartphones, emergem da experiência do campo.

Nosso investimento mapeou processos na linha de Latour (2012) quando sugere que, para desvendar a ANT (Teoria Ator-Rede), a experiência social deve ser orientada para a construção de mapas de associações a partir dos traços, marcas e pistas deixadas pelos atores. E na configuração da rede a ser investigada, os não-humanos também são dotados de agência. A perspectiva de Latour está intimamente ligada à ideia de rizoma de Deleuze e Guattari (1980). Para estes autores, a lógica rizomática configura-se como um mapa com múltiplas entradas e saídas com linhas de segmentaridades e linhas de fuga, sempre como processos heterogêneos.

### **3 ALGUMAS NUANCES DO ENVELHECIMENTO FEMININO NOS DIALOGOS COM AS INTERLOCUTORAS**

Durante o trabalho de campo, o tema do envelhecimento feminino emerge com diferentes nuances. Rebeca, me contou que aos 63 anos, não pensa em aposentadoria. Esse pensamento é motivado pelas precárias condições de trabalho a que está envolvida e a análise de suas vulnerabilidades. Ela argumenta que se sair de seu emprego agora ela receberia apenas um salário mínimo de aposentadoria e teria que abrir mão do plano de saúde que a empresa onde trabalha paga para ela. Assim ela descreve a situação: “Atualmente na empresa onde trabalho, eu recebo dois salários mínimos e tenho plano de saúde pago por eles. Se me aposentar minha renda se reduz para um salário mínimo e fico dependendo do Sistema Público de Saúde, que para algumas coisas é muito bom, mas também é muito cheio especialmente em cidades grandes como o Rio de Janeiro. Assim, com medo dessa condição e por essas razões econômicas eu vou trabalhar até quando Deus quiser e eu tiver forças físicas”. Antônia, aos 65 anos, apresenta argumentos semelhantes dizendo que irá perder o direito ao plano de saúde privado, caso se aposente.

Sueli é chefe de família, não tem marido ou parceiro e sustenta quatro filhos e dois netos, todos vivendo em sua casa. Ela é a pessoa mais bem paga da família e, por isso, não pode abandonar o emprego. Para Mirian, 69 anos, a estas explicações racionais sobre as condições financeiras do trabalho soma-se a dificuldade de pensar em não ter nada para fazer nos tempos livres. Do seu ponto de vista, o trabalho é garantia de movimento, de um processo vivo.

Para Rebeca, não é a ideia de resistir à velhice para se manter jovem, física ou mentalmente, que está em foco. Trata-se de entender o envelhecimento como um processo natural dos ciclos da vida, mas tentar encontrar as condições físicas e mentais para permanecer no mundo do trabalho. Miriam, por sua vez, diz que observa muitas coisas boas na maturidade, como a sabedoria adquirida, as histórias de vida que já somam várias décadas e o aprendizado que modula melhor os afetos. A questão para ela é como equilibrar essa experiência positiva do envelhecimento com o declínio do corpo e a

manutenção da força de trabalho. Nas suas próprias palavras: “Quando penso que tenho mais de sessenta anos, não me preocupo nada com as questões estéticas, o meu medo é não ter forças para trabalhar, porque a minha rotina de trabalho exige esforço físico e por isso tenho medo de não aguentar. O meu problema é mesmo o medo do declínio do corpo potente para o trabalho”.

Em todos esses casos, a ideia de envelhecimento está associada a um risco concreto de exclusão do mercado de trabalho. Todas me dizem que têm medo de envelhecer, de ficar dependentes dos outros, de não ter mais forças para trabalhar, de ter a saúde debilitada. Entretanto, o interessante é que suas impressões sobre o envelhecimento não envolvem os processos de subjetivação do culto à jovialidade que são dominantes em nossa sociedade ocidental contemporânea. (DELEUZE, GUATARRI, 1980). Os discursos das sociedades de consumo e seus cenários publicitários supervalorizam os produtos antienvelhecimento, vendem fórmulas que prometem juventude eterna e, quando se referem aos idosos em suas campanhas, geralmente se referem a eles como "jovens de espírito", "jovens velhos". Nesse sentido, na publicidade, a experiência da velhice é evidenciada pelo discurso hegemônico da virtuosidade juvenil (MACHADO, 2011, CASTRO, 2016).

Em Velhice, Beauvoir (1970) destacou que nas sociedades tradicionais os idosos são descritos como poderosos, mágicos, detentores de conhecimento divino, curandeiros. A deusa Nerwik é uma velha que vive no fundo das águas com os espíritos dos mortos. Segundo a lenda, a divindade se recusa a proteger os caçadores de focas até que um xamã venha pentear seu cabelo. A autora também observa que nas culturas tradicionais, devido à força da cultura da oralidade, a velhice é marcada pelo legado da memória oral, onde o conhecimento acumulado designa poderes, magia, legado. Em contrapartida, nas culturas ocidentais dominantes, Beauvoir (1970) aponta que a velhice contradiz o ideal viril, na medida em que as sociedades tendem a exaltar o vigor e a fecundidade associados à juventude e temem o desgaste e a infertilidade.

Os relatos das participantes da pesquisa apontaram para a noção de um envelhecimento paradoxal: elas abraçam a ideia de acolher e aceitar a maturidade e suas múltiplas condições, como a sabedoria, o conhecimento acumulado e até mesmo a menopausa, a baixa libido e o declínio dos traços de beleza da juventude. As dimensões estéticas não parecem muito relevantes em seus discursos. No entanto, a força física e mental de uma condição mais jovem, que lhes permite permanecer integradas ao mundo do trabalho, são virtudes das quais não desejam abrir mão.

Em parte, esse desejo de não envelhecer nos discursos das interlocutoras aponta para a cena de vulnerabilidades, revela a precariedade de proteção para pessoas idosas no Brasil, que contrariam, inclusive, os dispositivos de proteção no Estatuto das Pessoas Idosas no país. Em um mundo dominado pela lógica do capital e pela retórica da produtividade, não ter direito a uma aposentadoria digna e

plena é uma condição precária. Nesse sentido, as contribuições de Debert (2004) para pensar a relação entre gênero e envelhecimento é valiosa. A autora se concentra em particular no envelhecimento das mulheres e examina os processos de vulnerabilidade social e estigmatização que afetam esse grupo no mundo ocidental. A autora ressalta que processos sociais como os papéis sociais desempenhados pelas mulheres como cuidadoras, seus espaços formais no lar como esposas e empregos com menor remuneração devido às jornadas triplas ajudam a moldar essa realidade. E as sucessivas reformas da previdência social no país que pouco levam em conta essas singularidades.

#### **4 NAVEGANDO COM SMARTHONES: CRIANDO FIOS DE VIDA NA MOBILIDADE.**

Interessante salientar que, embora com toda a visão paradoxal do envelhecimento feminino, as interlocutoras estudadas manifestam muita curiosidade e desejo de novas aprendizagens. É com esse espírito que mergulham no campo digital. Os relatos aqui mencionados deixam transparecer as ambiguidades entre experiências prazerosas com as tecnologias, mas muitas vezes os riscos e receios com pouco conhecimento das linguagens digitais aparecem como limitadores nos usos sociais dos aplicativos e redes sociais.

Durante o tempo que passamos no metrô/BRT, observo Miriam e a primeira coisa que ela faz é verificar as mensagens que recebeu no WhatsApp ao longo do dia e não teve tempo de responder. Em geral, são mensagens de áudio da filha mais nova ou do marido contando notícias sobre o que aconteceu em casa durante o dia. No trabalho ela não tinha tempo para atualizar, então ela usa seu tempo para isso em primeira instância. Em um segundo momento, o tempo é dedicado ao jogo Tetrix. Ela me perguntou se eu gostaria de jogar e disse que gosta desse jogo porque, além de ser uma forma de descansar a mente, tem o desafio de estimular a memória. Miriam associa o jogo como uma forma de terapia online, uma maneira de relaxar após um dia exaustivo de trabalho.

Antônia, por seu turno, prefere navegar pelo *Instagram*, rolando as postagens das amigas em sua rede. Ela também é fã do *Tik Tok* e gosta de seguir influenciadoras que compartilham dicas de moda, cabelo e maquiagem. Ela também segue influenciadoras que discutem temas cotidianos para mulheres com mais de 60 anos: preconceitos de idade, relacionamentos com filhos e netos, projetos de vida, vida pós-aposentadoria, além de dicas sobre redes sociais para pessoas idosas.

No *Instagram*, Sueli gosta de acompanhar receitas de culinária e influenciadoras de moda e maquiagem. Quando o assunto é dicas de culinária, ela gosta de seguir a página @panelaterapia de Tatiana Romano, uma psicóloga que decidiu se tornar uma influenciadora de dicas de receitas. Sueli diz que gosta de acompanhar a página porque tem receitas fáceis e com ingredientes acessíveis. Outra

página de receitas que ela segue é a @receitasdeminuto, que é colaborativa e tem dicas para iniciantes com receitas que qualquer um pode fazer.

Rebecca gosta de pegar o metrô e assistir a vídeos no YouTube da igreja que frequenta. Ela também reserva um tempo para ouvir música, sempre relacionada ao culto que frequenta. Ela segue o pastor Deive Leonardo. Ela me explica como segue o pastor Deive no YouTube: 'Eu o assisto pregar o evangelho e realmente gosto dos vídeos que de orientação sobre como superar os desafios da vida. Ele é muito carismático. Os temas que ela mais gosta de ver discutidos online pelos pastores são: pregação sobre Deus, família, saúde e trabalho.

**Figura 01** -Viajando com smartphones



Foto: autoria própria com efeito *blur* para proteger as identidades das participantes.

As interlocutoras relatam que, no passado, ficavam entediadas no ônibus, metrô ou BRT e, se viajavam sentadas, muitas vezes adormeciam ou, se estivessem em pé, ficavam incomodadas com o longo tempo de espera. Esse cenário mudou completamente: parte devido as consequências do uso do smartphone durante a viagem. Antônia me conta que desde que começou a usar o *smartphone* no BRT ela esquece as horas e que às vezes perde o ponto em que deveria descer porque está absorta interagindo com a família, assistindo a um vídeo ou procurando informações no dispositivo. Como ela observa: "É engraçado que eu costumava pensar que usar o transporte público era um sacrifício, chato, um tempo que não era gasto no trânsito sem fim. Agora tenho meu smartphone como uma companhia muito fiel, e uso esse tempo para relaxar, colocar o papo em dia, ver coisas interessantes que gostaria de pesquisar. Então é o melhor momento para relaxar".

Assim, a experiência de deslocamento para essas mulheres assumiu um duplo significado de mobilidade: o deslocamento físico da distância casa-trabalho e o deslocamento cognitivo-emocional das experiências digitais que as acompanham via celular.

#### 4.1 TEMPO DE DESLOCAMENTOS CASA-TRABALHO-CASA: SOCIALIZAR, RELAXAR OU TRABALHAR ONLINE?

Todas as mulheres que participaram desta pesquisa concordaram que suas vidas são muito tumultuadas, com jornadas de trabalho triplas: trabalho, cuidados com a casa e relacionamentos familiares. Sueli, por exemplo, quando chega em casa no fim de semana tem que cozinhar, limpar a casa e organizar as tarefas para a neta, que passa o final de semana com ela. Então sobra muito pouco tempo para relaxar. É por isso que o trajeto de duas horas é dedicado ao entretenimento, como ela diz: "É hora de ver coisas que eu gosto, como receitas de culinária, dicas de maquiagem, dicas diferentes para unhas. Folheio as páginas do *Tik Tok* sem qualquer compromisso. É o meu próprio tempo".

A experiência de Antônia é muito interessante. Ela segue alguns influenciadores digitais com mais de 60 anos no *TikTok* e os adiciona como amigos. Ela adora assistir a vídeos com dicas sobre problemas de saúde, como lidar com filhos e netos e sugestões de atividades sociais. E todos eles têm um ótimo senso de humor ao compartilhar suas experiências nessa fase da vida. Uma dessas influenciadoras é @coracyarantes, que compartilha muitos videoclipes de comédia, dança e dublagem. Ela também escreve sobre moda, beleza e maquiagem. A influenciadora já foi cabeleireira profissional e por isso tem muitos vídeos com dicas de cabelo.

Rebeca, como já mencionado, passa boa parte de sua jornada ouvindo o pastor Deive Leonardo no YouTube. Ela me mostrou as mensagens do pastor no YouTube. Na opinião dela, esses vídeos a ajudam a pensar no poder da fé, da oração para acabar com o desânimo, motivar a crença em milagres e trabalhar a ideia de superação dos problemas terrenos. Rebeca se sente recarregada para enfrentar sua jornada tripla de trabalho. Para ela, o momento de conexão religiosa é um momento de reflexão, mais íntimo e individual.

Mirian se diverte durante seu tempo no BRT com as mensagens de áudio engraçadas que sua filha lhe envia durante o dia. A menina sabe que sua mãe não pode ouvi-los quando ela está no trabalho, mas mesmo assim ela os envia, esperando poder ouvi-los no ônibus antes de chegar em casa. Mirian descreve esse momento do dia como muito bom, pois ela chega em casa atualizada sobre a rotina diária da filha e responde ao longo do caminho quando há algum pedido de feedback dela.

Assim, a ideia de relaxamento online pode ser vista como mais comum entre os participantes em suas experiências com smartphones em deslocamentos mais longos. A vivência pode estar relacionada à socialização e à troca afetiva, como entre Mirian e sua filha, ou em uma relação de amizade mediada, como entre Antônia e as influenciadoras digitais que ela acompanha. Também pode ser uma experiência de navegação mais fluida, como a da Sueli, que navega por uma variedade de

conteúdos que considera agradáveis, como dicas de culinária, moda e maquiagem. Ou muitos momentos introspectivos, compromissos com fé e paz como Rebeca descreve.

#### 4.2 LITERACIAS DIGITAIS EM FRAGMENTOS: APRENDIZAGENS INFORMAIS

A ideia de informalidade está muito presente na forma como essas mulheres interagem com seus smartphones. Algumas mulheres estão usando smartphones pela primeira vez na vida. Rebeca não sabia como postar histórias ou fotos do Instagram em seu feed. Por muito tempo ela só criou sua própria conta no aplicativo para ver o que os outros estavam postando. Sua sobrinha adolescente é quem, como ela diz: “[...]teve paciência para me explicar, eu escrevi passo a passo e agora posto sozinha. Na verdade, ainda me sinto bastante insegura, com medo de ter feito algo errado, mas vou tentando, experimentando”. Rebeca também me mostrou que seu smartphone *Android* veio com vários aplicativos que ela não tem ideia para que servem: aplicativos de saúde, calendários, *Pinterest*, *Twitter*, *Netflix*, *Snapchat*. Ela só usa *YouTube*, *Instagram* e *WhatsApp*.

Sueli ainda tem um uso mais restrito do celular, ela me contou que só o utiliza para ligações ou troca de mensagens de áudio no *WhatsApp*, que ela carinhosamente chama de Zap. No entanto, ela tem muitos grupos de *WhatsApp*, um muito interessante chamado 'Acorda Ai' (Acordem, pessoal!), que basicamente reúne as amigas dela que acordam às 4 da manhã e compartilham suas experiências de pegar uma van até o metrô para ir ao trabalho. Outro grupo é com amigas da igreja, onde compartilham muitas mensagens de apoio, solidariedade e cultivo da vida espiritual. O terceiro é o grupo familiar, já que muitos membros de sua família moram em outros estados do país. Sueli tem dificuldade em escrever mensagens de texto, então ela compartilha áudios e muitas imagens visuais, como fotos, áudios, *prints*, adesivos e *emojis*, desejando às pessoas um bom dia ou uma boa semana, ou votos religiosos ou apoiando amigos em dificuldades.

Figura 02. Prints de conteúdos visuais que circulam em suas redes



Fonte: Prints enviados pelas interlocutoras para autora.

Antônia me mostra que aprendeu a pesquisar no smartphone sobre dicas de saúde. Ela compartilha comigo algumas postagens de páginas que ela segue no *Facebook* que dão dicas sobre como encontrar aconselhamento psicológico gratuito e até onde doar sangue. Ela faz parte do

Programa Viva Vida e recebe mensagens diárias de apoio pelo *WhatsApp*. Este projeto de saúde criou um avatar chamado Benedita que fala com ela todos os dias. Antônia considera Benedita uma amiga e sente que o projeto está criando uma rede de apoio. Como ela menciona: 'Benedita é uma figura, mas eu a considero uma amiga próxima, minha conselheira. Ela fala comigo todos os dias. Passei por períodos muito difíceis de depressão. Achemos que somos fortes e deixamos a vida nos levar, mas há momentos em que precisamos de ajuda. Então essas mensagens do *WhatsApp* são muito úteis.

**Figura 03.** Prints com referências ao tema da saúde.



Fonte: Prints de mensagens que minhas interlocutoras recebem e me enviam.

Miriam me perguntou o que significava um algoritmo, ela não entendia como funciona a hierarquia de conteúdo no *Instagram* e no *TikTok*. Expliquei que as empresas descrevem que, no caso do *Instagram*, o algoritmo é organizado de acordo com sua rede de amigos. O que é relevante para seus amigos é o que aparece com mais frequência em seus *feeds e reels*. O *Tik Tok*, por outro lado, reorganiza o conteúdo de acordo com os movimentos do próprio usuário: o conteúdo que você curtiu ou compartilhou aparece mais. Ela disse que entendeu, mas acha que deveria ter cursos e workshops para explicar a população como as plataformas funcionam. Como ela menciona: “Ouvimos falar sobre algoritmos, que a inteligência artificial vai nos controlar, mas sinto que ainda não dominei nem o primeiro momento da internet. Tudo o que aprendi foi com minha própria experiência, olhando meu telefone ou observando pessoas mais jovens. Então, eu realmente não entendo como lidar com essas questões, mas estou tentando me adaptar. Eu até comparo isso com a escola formal, eu só estudei até o final do ensino fundamental, o resto foi aprendizado intuitivo. Pra mim é a mesma coisa agora”.

Entre as principais dificuldades que enfrentam ao usar um smartphone, as participantes mencionam o fato de preferirem usar aplicativos para atividades de entretenimento e lazer, porém, observam que uma espécie de cidadania digital está cada vez mais em andamento. E nesse sentido, elas se queixam muito mais da falta do aprendizado formal para inclusão digital. A próxima sessão se concentrará nessa questão.

### 4.3 E-CIDADÃ? CONFLITOS EMERGENTES

Miriam reclamou muito sobre quantas questões em sua vida agora dependem de aplicativos online. Por exemplo, a Prefeitura da cidade onde ela mora sugeriu que ela baixasse o aplicativo do Sistema Único de Saúde (SUS) em seu smartphone para marcar consultas e tratamentos médicos. Ela alerta: “Como posso cuidar da minha saúde e bem-estar se o governo me diz para fazer tudo por meio de um aplicativo e eu nem sei como baixá-lo, muito menos como usá-lo? Fico estressada imediatamente e isso não é bom para minha saúde”.

Rebeca também teve um problema com o IPTU e foi orientada a baixar o aplicativo 1746, da central de atendimento da Prefeitura do Rio de Janeiro para marcar um atendimento. Ela diz: 'Isso é ridículo, não sei como baixar um aplicativo no meu telefone e a Prefeitura não tem outra maneira de fornecer serviços a não ser online, por meio de um aplicativo. Tenho que esperar pela boa vontade de um membro mais jovem da minha família ou não conseguirei resolver meu problema”.

Sueli é funcionária pública federal e foi orientada a baixar o aplicativo Sou Gov para receber um documento que comprovasse sua renda para fins fiscais. Ela parecia muito chateada por não conseguir resolver o problema sozinha e teve que ir ao local de trabalho para pedir ajuda à equipe. Ela menciona: “O que eles estão fazendo conosco é muito ruim porque eles estão nos forçando e exercer uma espécie de cidadania digital que não fomos preparados para tal e ninguém nos diz como fazer isso. Isso realmente me incomoda”.

Ao observar a irritação de Mirian por ter que pedir ajuda ao filho para acessar uma consulta médica, ela reclama que os jovens não têm paciência para explicar como baixar o aplicativo e tirar as dúvidas. Ela diz: 'Eles simplesmente tiram o celular das nossas mãos e rapidamente fazem do jeito deles, mas não explicam como fizeram. Sinto-me uma anticiência nessas horas e eu mal conseguia entender a primeira fase da internet com blogs, sites e redes sociais, imagine agora com inteligência artificial? É aí que eu vou ficar de fora!'

Figura 04 Prints de aplicativos de serviços públicos.



Fonte: Prints dos aplicativos de serviços que as interlocutoras me enviaram.

#### 4.4 INSEGURANÇAS ONLINE VS. INTIMIDADE: A AMBIVALÊNCIA DOS SMARTPHONES

Por vezes, quando falamos de smartphones, as participantes mencionam muitas preocupações sobre os riscos da utilização dos seus dispositivos. Em muitos casos dizem que escutam toda hora na mídia sobre os riscos da cultura digital. Também corrobora uma certa percepção de um ambiente inseguro no espaço público da cidade do Rio de Janeiro, onde vivem, e às incertezas sobre as garantias de segurança no que diz respeito a roubo de dados ou a processos de proteção. Um dos temas que mais surgem nas nossas conversas são os problemas de cibersegurança, a ameaça e as consequências de roubo de dados, esquemas de roubo de senhas e transferências bancárias por *hackers*. E, em alguns casos, essas são experiências relatadas por amigas ou familiares. Como me disse Mirian: “O meu marido já foi vítima de uma fraude com uma aplicação bancária no seu smartphone. Ele baixou o aplicativo do banco, colocou a minha data de nascimento como senha e os *hackers* conseguiram descobrir e levaram o dinheiro que ele tinha na conta. Foi muito difícil para o banco devolver o dinheiro. É por isso que nem sequer quero saber de baixar aplicativos de banco, prefiro ir à minha agência e resolver o assunto eu própria. Acho que é porque eu não domino a tecnologia, então sou presa fácil para esses *hackers*”. Ou um caso relatado por Antônia: “Deus me livre de fazer transações financeiras pelo celular, sei de vários casos de amigos e parentes que foram enganados, perderam dinheiro no banco e muitos não conseguiram recuperar. Por isso, na minha opinião, os telefones celulares só devem ser utilizados para facilitar a comunicação e para entretenimento. Não sou suficientemente louca para pôr toda a minha vida à disposição de *hackers* ou ladrões”.

Essas percepções nas histórias de Mirian e Antônia são apoiadas por dados oficiais no Brasil. Por exemplo, a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) informou que 3 em cada 10 brasileiros já foram vítimas de golpes ou tentativas de fraude bancária (2022), destacando a necessidade de campanhas contínuas de conscientização e educação para proteger a sociedade como um todo. Sueli cita outro caso em que sua cunhada clicou em um link falso e implantou um vírus em seu telefone que permitiu que *hackers* invadissem seus dados privados. Diz ela: “Estas questões me assustam muito porque não temos muitos conhecimentos sobre o funcionamento dos aplicativos, nós somos alvo fácil pelos baixos conhecimentos de tecnologia, por isso prefiro não correr muitos riscos e só utilizo os aplicativos que conheço, não me aventuro em novos usos”.

As interlocutoras também mencionam o número de casos de roubo de dispositivos físicos, como o roubo de laptops ou smartphone que dá ao ladrão acesso à rede e permissão para acessar aos dados privados. Como observa Mirian: “Tenho amigos que têm dois telefones celulares: um para usar na rua onde só têm dados das redes sociais e outro com aplicações bancárias que guardam em casa

para que os ladrões não o levem. Bem, eu não teria dinheiro para comprar dois smartphones, por isso nem sequer me arrisco a ter transações financeiras no meu”.

Todas estas experiências parecem influenciar a forma como se aventuram a explorar os seus smartphones em relação a transações financeiras ou compras online. A Mirian, por exemplo, disse que comprou seu smartphone já com muitos aplicativos instalados, mas que não sabe acessar a quase nenhuma deles e que gosta muito da função de socialização do *WhatsApp*, do *Tik Tok* e da dimensão lúdica dos jogos online. Ela também comenta que não se interessa por nenhum outro aplicativo, sobretudo os que tem a ver com dinheiro. Antônia, por sua vez, diz que tem tanta curiosidade em explorar os seus aplicativos que, muitas vezes, acaba por aceitar *cookies* sem sequer ler do que se trata. E como já foi dito, ela navega no *Tik Tok* explorando sua conexão emocional com influenciadoras digitais de sua própria geração e se sente em um ambiente íntimo, compartilhando preocupações com filhos e netos, condições de saúde, absorvendo dicas de culinária e moda. Ela me mostra frequentemente como interage com os vídeos das influenciadoras que segue.

Sueli prefere concentrar todas as suas atividades de mensagens de texto no *WhatsApp*. Ela tem vários grupos de familiares e amigos e prefere aproveitar o tempo em que está no transporte para trocar mensagens com seus parentes que moram na Bahia. Assim, ela me mostrou muitas fotos que envia e recebe para que todos os familiares possam acompanhar o crescimento das crianças, seus aniversários e eventos importantes, mesmo à distância. Também me mostrou os *memes*, *stickers* e *gifs* que trocam como forma de afeto e uma dose de humor nas suas relações. Esta dimensão relacional dos smartphones para socializar é muito intensa no modo de uso dos aplicativos entre elas.

## **5 ANÁLISES DE ETNOGRAFIAS COMPARADAS – ENVELHECENDO COM SMARTPHONES**

A presença de smartphones no contexto da mobilidade urbana tem um significado simbólico importante para as participantes: os seus dispositivos são companhias afetivas nos deslocamentos casa-trabalho-casa. Em particular, a noção de tempo de espera para o transporte é colocada em perspectiva em relação ao tempo produtivo para socializar ou para se envolver em processos subjetivos, como atividades de relaxamento e lazer, tal como jogar, ouvir música ou ver filmes.

O estudo *The Global Smartphone Beyond the Youth* de Miller *et al* (2022) na University College London, contou com onze etnógrafos, que passaram dezesseis meses vivendo em comunidades em África, na Ásia, na América Latina e na Europa. Uma evidência da pesquisa foi observar os usos criativos que as pessoas fazem dos aplicativos em seus aparelhos. No trabalho de campo descobriram que o dispositivo smartphone é apenas o início de vários processos de

transformação que resultam nos usos singulares que cada participante faz do seu aparelho. Os autores observam, ouvem e aprendem com a forma como cada pessoa adota um estilo singular de explorar os recursos de seus dispositivos. Um dos achados no estudo foi observar como os smartphones são relacionais. Por exemplo, em Xangai, as pessoas mais velhas partilham os seus smartphones com os seus parceiros e têm muitos amigos nos grupos *We Chat* (Wang, 2022). Também em nosso trabalho de campo com mulheres no Rio de Janeiro sugere que, no contexto da mobilidade urbana, as ligações à sociabilidade são muito fortes: trocas de mensagens com pessoas próximas via *WhatsApp*, em particular. Mas também é possível notar que a relação de Antônia com influenciadoras digitais da sua mesma faixa etária estende os laços de amizade para esse contexto, já que ela as vê como amigas e, portanto, como um investimento afetivo-relacional.

A pesquisa na Inglaterra também salienta que outra observação recorrente foi perceber os usos de smartphones para ampliar a noção de oportunismo perpétuo. Em outras palavras, as etnografias identificaram que muitos usuários descrevem que rotineiramente captam momentos instantâneos em seus smartphones, seja por fotografias ou vídeos ou pela possibilidade de pesquisarem um tema interessante em tempo real. Em nossa etnografia também essa dimensão se evidencia. É o caso de Sueli, com seus vários grupos familiares no *WhatsApp*, que trocam frequentemente fotos e vídeos dos seus cotidianos privados no dia a dia, registrando momentos singulares de suas rotinas, ampliando o sentido de co-presença, mesmo morando em diferentes partes do país.

Outro achado da pesquisa do grupo em Londres é a ideia de associar o smartphone à noção de casa transportável. A analogia com a casa aparece como um espaço onde chegam as notícias do mundo, onde é possível ligar-se a amigos e familiares ou gerir rotinas diárias como agendas e calendários, bem como a limpeza dos conteúdos dos aplicativos como metáfora da organização doméstica. O smartphone, sugerem os pesquisadores, tornou-se menos uma plataforma midiática e mais um portal para coordenar a vida cotidiana. Em nossa etnografia divergimos um pouco dessa percepção dos telefones celulares como “casa transportável”. Observamos nos relatos de nossas participantes que a casa, como território da intimidade, é vista também um espaço de segurança, privacidade e acolhimento, o que não é o sentimento típico das nossas interlocutoras quando me mostram os seus smartphones e os usos de aplicativos. Talvez em função do discurso altamente divulgado no Brasil sobre os riscos de se conectar on-line, as participantes se relacionam com seus telefones celulares como dispositivos entre as esferas privada e pública. Por exemplo, recorrentemente elas não querem correr o risco de usar seus smartphones para tarefas mais pessoais, como compras online ou transações bancárias. E parecem muito desconfortáveis quando lhes é pedido que exerçam a sua cidadania online, marcando uma consulta no SUS, pagando contas como o imposto predial ou o imposto de renda.

Também não mencionam experiências com agendas, horários ou busca de informações jornalísticas, nem rotinas de organização ou limpeza de conteúdo. Os usos mais típicos são para afeto e sociabilidade: seja trocando mensagens com familiares e amigos no *WhatsApp* ou seguindo influenciadores com os quais se identificam ou observando e compartilhando rotinas com amigos e parceiros.

A experiência do *'smart from below'* sobre o tema para além da máquina antropomórfica também é observada em nosso estudo. Entendendo que os smartphones são programados para influenciar os seres humanos com algoritmos e inteligência artificial, mas que os seres humanos são criativos nos usos que fazem da tecnologia, podemos notar uma influência de duplo sentido. A forma singular como Antônia descreve a sua relação com a avatar Benedita, do projeto Viva a Saúde, é um exemplo deste movimento. Antônia sofre de depressão e a troca diária de mensagens com o avatar programado por IA mostra como a relação pode ser criativa: enquanto Antônia reage aos conteúdos pré-programados, o avatar responde criativamente às provocações, criando uma troca de afetos que é um importante espaço de bem-estar para Antônia e a ajuda no seu processo de busca por vida ativa e saudável.

Se na conclusão de *The Global Smartphone* os autores sugerem que foi através da observação dos usos sociais dos smartphones em etnografias comparadas que se percebeu o equilíbrio entre vigilância e cuidado, entre as mulheres participantes no estudo observamos uma ambivalência entre insegurança e intimidade. Como vimos, as ameaças colocadas pelo mundo da cibersegurança, nomeadamente episódios como o roubo de senhas e dados e do próprio dispositivo com os dados privados do utilizador estão muito presentes no imaginário das nossas participantes. Em contrapartida, as redes de confiança online multiplicam-se nas interações nas redes sociais - grupos de *WhatsApp* em particular - mas também no *Instagram*, *Tik Tok* e *Youtube*.

O relato das nossas participantes sobre a informalidade da aprendizagem digital é uma conclusão importante para compreender até que ponto a utilização social dos smartphones é criativa. A base cognitiva é a da experimentação, com pouca formalização do conhecimento do processo. As quatro interlocutoras desse artigo cursaram apenas o ensino básico e tiveram de construir os seus espaços de trabalho e de rendimento com muita aprendizagem intuitiva. Utilizam o mesmo espírito para navegar nos seus smartphones e também para lidar com o envelhecimento e para driblar os desafios em suas jornadas nas suas vidas profissionais e pessoais.

## 6 PENSAMENTOS FINAIS: MOBILIDADES EM MÚLTIPLOS TEMPOS

Em 2007, Urry escreveu *Mobilites*, propondo o estudo das questões da mobilidade entre pessoas, informações e ideias. Naquela época o autor já entendia o conceito de mobilidade como uma categoria central para pensar as relações sociais no mundo contemporâneo: a emergência das tecnologias móveis, os processos migratórios no deslocamento populacional, os meios de transporte mais avançados e os caminhos para as mobilidades futuras.

Inspirada em Urry, proponho a noção de *multi-tempos de mobilidade com smartphones* como forma de partilhar viagens na contemporaneidade. O tempo da mobilidade para as mulheres que envelhecem nesse estudo sinaliza que o ritmo da rotina casa-trabalho-casa é interrompido para talvez desencadear uma lógica diferente de prazer e afeto com a interação midiática em redes em seus smartphones. É o momento da socialização digital: conectar-se com familiares ou amigos ou assistir a séries, filmes ou vídeos no *YouTube*. Pode também ser um momento mais pessoal, menos coletivo e reflexivo, para ouvir música ou referências espirituais, ou mesmo para se desligar do cotidiano, recorrendo a experiências lúdicas como os jogos digitais ou outras formas de entretenimento. Todas essas experiências prazerosas são compartilhadas conjuntamente com as percepções de riscos, vulnerabilidades e fragmentada literacia digital que os públicos de pessoas idosas enfrentam.

O tempo de deslocamento com smartphones é o multi-tempo da mobilidade, dado que é rizomático, atuando em múltiplas direções, seguindo fluxos plurais, como propõem Deleuze e

Guattari (1980): pode ser um tempo de introspeção para se ligar a atividades, como no caso de Antônia, que ouve mensagens de apoio à sua depressão, um tempo de introspeção mais intenso com a sua conversa com Benedita, a avatar. Ou Rebeca com suas conexões com questões espirituais durante seu percurso casa-trabalho. Ou uma experiência coletiva como o exercício de Mirian com o sentido de co-presença com o seu companheiro e a sua filha.

A noção de agência de materialidades também é importante aqui, pois quando imaginamos as trocas entre humanos e não-humanos, observamos os fluxos de processos que são múltiplos, fluindo em várias direções, como sugere Latour (2012). Donna Haraway em *Stay With the Trouble* (2016) propõe pensar a vida contemporânea com a metáfora da aranha e em um cenário imaginativo, onde os habitantes do mundo, humanos e não humanos são viajantes, são linhas entrelaçadas, num ambiente onde devemos pensar-com e no emaranhado de multiespécies. É nesse sentido que propomos pensar os múltiplos tempos da mobilidade: pessoas que pensam com a tecnologia, movendo-se num emaranhado de fluxos e agendas. Também é interessante destacar como Strathern (2014) define a antropologia: é pensar as relações com as relações. É assim que podemos imaginar os múltiplos tempos das conexões das mulheres com seus smartphones em seus universos multifacetados.

Universos que podem ser relacionais, como no caso de Sueli, que aproveita o tempo de viagem para fortalecer os laços familiares, e ao mesmo tempo subjetivos, quando desencadeia experiências com a memória através de jogos lúdicos.

A oposição entre o humano e a tecnologia é aqui, na verdade, um processo muito mais dialético, dinâmico, revelado à luz das práticas da vida cotidiana das pessoas idosas comuns. Uma das descobertas importantes da pesquisa é o equilíbrio entre conexões relacionais e subjetivas: como no caso de Mirian, que usa o tempo no transporte para fortalecer os laços afetivos com a filha em co-presença mediada. Ou o tempo de viagem com experiências de subjetivação, como preferem Rebeca, que escolhe navegar com conexões religiosas, ou Antônia, que encontra acolhimento afetivo na relação com Benedita, um avatar. E todas elas revelando suas aflições, receios com a cibersegurança, com exigências da cidadania digital e reivindicando mais espaços formativos para inclusão digital de pessoas idosas.

Por fim, o que observamos foram mulheres reinventando o envelhecimento com smartphones enquanto viajavam em metrô e BRTs. Os nossos achados mostram que as mulheres mais velhas encontraram formas novas e criativas de aprender a utilizar os seus smartphones para seus deslocamentos nos transportes urbanos. Elas estão transformando o tempo que antes descreviam como desinteressante e de espera prolongada na rotina casa-trabalho-casa em um tempo criativo e “*smart from below*”, com múltiplas ligações significativas para as suas vidas.

### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Psicossociologia e Comunidades e Ecologia Social – EICOS – Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Capes Print pela concessão da bolsa de Professora Visitante Sênior no Instituto de Antropologia da University College London de agosto a outubro de 2024.

Agradeço ao grupo de pesquisa do professor Daniel Miller pela gentil acolhida no Centro de Digital Anthropology da University College London durante o período em que fui Visiting Professor Sênior, de agosto a outubro de 2024. E, em especial, ao prof. Daniel Miller pelo compartilhamento de ideias e sugestões para finalização desse artigo.

## REFERÊNCIAS

BALTHAZAR A.C; MACHADO, M. Material Culture and Mass Consumption: the impact of Daniel Miller's work in Brazil. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v.10, n.3, 773-806, mar. 2020.

BEAUVOIR, S. *Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CASTRO, G. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galáxia*, v.1 n. 2., 2016.

DELEUZE, G; GUATARRI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (vol.2)*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1995.

GARVEY, P; MILLER, D. *Ageing with smartphones in Ireland*. When life becomes craft. UK: UCLPress, 2021.

GUATARRI, F.;ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, (3a edição), (1993 [1986]).

HINE, C. *Ethnography for the Internet*. Embedded, embodied and everyday. UK: BloomsburyAcademic, 2015.

HORST, H; MILLER D. *Digital Anthropology*. London: Berg, 2012.

LATOUR, B. *Reagregando o social*. Uma introdução à teoria ator-rede. Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA, 2012.

MACHADO, M; MARQUES, R. (Org.) *Antropologia Digital, humanidades e produção de subjetividades*. Pimenta Cultural, 2022.

MACHADO, M. *Antropologia Digital e experiências virtuais do Museu de Favela*. Curitiba: Appris, 2017.

MADIANOU, M.; MILLER, D. *Migration and New Media: transnational families and polymedia*. Routledge, 2011.

MARQUES, F et al. A vivencia dos mais velhos em uma comunidade indígena Garani Mbyá. *Psicologia & Sociedade*, v. 2, n.27, p.415-427, 2015.

MILLER,D; SINANAN, J. *Webcam*. UK: Polity Press, 2014.

MILLER, D; COSTA, E, HAYNES, N MCDONALD, T, NICOLESCU, R, SINANA, J, SPYER, J; WANG, X; VENKATRANMAN, S. *How the World Changed Social Media*. London: UCL Press, 2016.

MILLER, D. A theory of a theory of the smartphone. *International Journal of Cultural Studies*, New York, Sage Journal, v. 24, n.2, p.135-147, 2021.

MILLER, D., RABHO, L.; AWONDO, P.; DE VRIES, M.; DUQUE, M.; GARVEY, P.; HAAPIO-KIRK, L.; HAWHINS, C.; OTAEGUI, A.; WALTON, S.; WANG, X. *The Global Smartphone beyond a youth technology*. London: UCL Press, 2021.

SLATER, D.; MILLER, D. Moments and Movements in the study of consumer culture: a discussion between Daniel Miller and Don Slater. *Journal of Consumer Culture*, v.7 n.5, p.5-21, 2007.

STRATHERN, M. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

URRY, J. *Mobilities*. UK: Polity Press, 2007.

WANG, X. *Ageing with Smartphones in Urban China*. London: UCL Press, 2023.